

O projeto comunicacional moderno e os efeitos globais

Nízia Villaça*

RESUMO

Este artigo pretende pensar a desregulamentação da comunicação contemporânea, tendo como horizonte o pensamento de Augusto Comte, sua visão positivista e o imaginário da comunicação como organismo no final do século XIX.

Palavras-chave: globalização; positivismo; Comte.

SUMMARY

This article aims at pondering the deregulation of contemporary communication in the horizon of August Comte's thought, his positivist view and the imagining of communication as an institution at the end of the 19th century.

Keywords: globalization; positivism; Comte.

RESUMEN

Este artículo se propone a pensar la desreglamentación de la comunicación contemporánea, teniendo como horizonte el pensamiento de Augusto Comte, su visión positivista y el imaginario de la comunicación como organismo en fines del siglo XIX. Palabras-clave: globalización; positivismo; Comte.

A palavra comunicação partilha hoje fundamentalmente dois imaginários: o do milagre democrático proporcionado pelas novas tecnologias “globalizantes” e o de uma geopolítica elitista, fragmentária e transnacional, determinante da ex-comunhão dos alfabetos eletrônicos.

Uma reflexão sobre o contemporâneo leva-nos ao século XIX, quando a explosão das técnicas propiciou o aparecimento de um pensamento dominado pelo desenvolvimentismo, pela organização e pela ordem. A história da comunicação se teceu interligada à transformação de seus meios. No século XIX, com Saint-Simon, Comte, Malthus, Darwin, a comunicação delinea-se na forma de um organismo, de um corpo com seus vasos sanguíneos, órgãos, funções etc.. A metáfora biológica dominará as ciências sociais e a utopia é criar uma rede internacional, conexões gerais que unam metrópoles e colônias num macroorganismo. Inglaterra e França dividem à época, o poder, de forma dissimétrica. O império inglês e seu desenvolvimento industrial polarizam o poder econômico, enquanto a França detém o atrativo cultural. De qualquer forma, havia um sentimento geral de que o pensamento enciclopédico já não bastava. “As idéias negativas que ajudaram os enciclopedistas a minar a ordem antiga já não bastam.” (Matterlart, 1996, p.116) Era urgente substituir estes saberes destruidores e desorganizadores, estes saberes da insurreição científica, por um pensamento e uma prática positivos.

Desde o fim do século XVIII, Saint-Simon vai construir as bases deste novo saber, destas novas Luzes, conjugando a ciência da observação e a ciência da organização. Num amálgama de física e biologia, pretendia abraçar a causa dos industriais (agricultores, fabricantes, negociantes), incitando-os a juntar-se e a mobilizar-se para escreverem a História. Apenas aos sábios positivos o autor atribuía o direito de contribuir para fornecer a coerência do sistema. Os demais, como no modelo de propagação da Igreja, deviam tornar-se apóstolos.

A visão positivista de Augusto Comte e sua teoria orgânica da sociedade participaram desta tendência e, embora não tenha se detido em estudos sobre comunicação, suas idéias funcionalistas exercem profunda influência sobre o campo comunicacional pelo fato de que a noção de comunicação se aproximou progressivamente das noções de desenvolvimento e crescimento. Pensava Comte que a sociedade, no seu conjunto, apresentava fenômenos de crescimento, estrutura e funções análogas aos fenômenos individuais. “Augusto Comte leva a melhor sobre todos os que o precederam pela maneira como concebe os fenômenos sociais; entre outras superioridades, conta-se a de ter reconhecido a dependência da sociologia em relação à biologia.” (Smith, 1888, p.7)

No debate organizado em 1998 comemorando os duzentos anos de nascimento de Augusto Comte, pai do positivismo, tendo o Professor Maffesoli como interlocutor, as ques-

tões giraram justamente em torno dos caminhos tomados pela sociologia no momento atual em confronto com o perfil desta ciência quando de sua criação, registrando os desdobramentos no campo comunicacional.¹

No contemporâneo, a linha da sociologia compreensiva, com seu apelo ao particular, ao próximo, à estética, às micro abordagens, parece distanciar-se do racionalismo da ordem e do desenvolvimento pregados por quem achava que era necessário saber para prever e prever para prover. (Maffesoli, 1988) Divergindo da linha

de pensamento da sociologia compreensiva, constatamos que, na ordem da comunicação, delinea-se ainda um perfil neo-positivista, apóstolo da informatização do mundo, que vê na globalização a utopia que os do século XIX viam na universalização.

A euforia do século XIX buscava na tecnologia a reconciliação dos antagonismos sociais e as exposições universais dão prova disso a partir da segunda metade do século XIX. As exposições universais iniciadas na França partilhavam com o progresso das redes de comuni-

cação o mesmo imaginário, a mesma busca de um paraíso perdido da comunidade e da comunhão humanas com a construção do mito de um vínculo universal.

Muitos foram os marcos do projeto moderno de universalização calcados no desenvolvimento da comunicação. Na exposição universal de Paris de 1851, cortou-se a fita da primeira ligação telegráfica por cabo submarino entre Dover e Calais. Na de 1855, a estrela é o aparelho telegráfico impressor do anglo-americano David Hughes. Em 1876, em Filadélfia, comemorando o centenário da independência americana, o telefone de Graham Bell funcionou pela primeira vez. Em 1893, em Chicago, festejou-se a primeira linha interiorana Chicago-Nova Iorque. Seguiram-se os canais interoceânicos, o de Suez (1889) e o de Panamá. Quanto ao vapor, estará em toda parte, até a explosão da eletricidade na Exposição Internacional em 1881, na França, três anos depois da invenção da lâmpada incandescente de Edison. É importante assinalar que, ao contrário das exposições anteriores, como acentua Armand Mattelart, só participaram quinze nações, em sua maioria européias, além do Japão e EUA, convidando apenas cientistas e industriais dos países que produziam as suas aplicações. Os progressos do telégrafo, cabos submarinos, caminho de ferro, navegação, fonógrafo (1878 – Edison) são passados em revista nesta ocasião. As imagens também estão presentes nas exposições: fotografia e seus avanços, a imagem animada (praxioscópio), culminando com a exposição de Paris de 1900 e a cinemateca dos irmãos Lumière. O filme, no século XX, torna-se o símbolo da universalidade. “O trabalhador com um vocabulário pobre é igual ao cientista (...). Através deste meio mágico, os extremos da sociedade aproximam-se um passo um do outro, no inevitável reequilíbrio da condição humana.” (Maffesoli, 1988, p.158)

Para Armand Mattelart, esta visão do mundo, entendido como oficina e mercado únicos, nações mutuamente dependentes, nações mutuamente repartidas segundo uma divisão internacional do trabalho que se ins-



creveria na natureza das coisas, não resiste à análise da cartografia dos fluxos de comunicação na era dos impérios. (Mattelart, 1996) No século XIX e no início do século XX, o pensamento da criação de uma ordem universal, embora com capa democrática, criou uma hierarquização mundial centrada inicialmente nos grandes impérios que polarizavam a comunicação das colônias e posteriormente nos dois grandes blocos capitaniados por EUA e Rússia, que passaram a polarizar o mundo.

Se compararmos o projeto de universalização ao da globalização, tem-se hoje uma sensação de coisas fugindo ao controle. Define Bauman que o significado mais profundo transmitido pela idéia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de auto propulsão dos assuntos mundiais, a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. Se a universalização seguiu projetos, a globalização dá lugar a projeções inesperadas. (Bauman, 1999)

Nesse sentido, a imagem da globalização coloca-se à parte da idéia de universalização; cara ao projeto moderno que ela veio substituir. A idéia de universalização, como se viu, foi cunhada a partir dos recursos técnicos das políticas modernas e anunciava, juntamente com outros conceitos como civilização, desenvolvimento, progresso, a vontade de melhorar as condições de vida em escala mundial.

Michel Maffesoli, a propósito do fascínio positivista dos primórdios da sociologia que marca o final do século XIX, pontua que cada época possui seu sistema de investigação e que uma grande tendência taxinômica inicia-se com as Luzes. "O desencontro do mundo, que já havia instaurado o vazio nas florestas e nos campos, devia prosseguir em sua marca, tornando transparente a obscura e misteriosa vida em sociedade." (Maffesoli, 1988, p.54) Apon-ta o autor a necessidade sentida na época de se recorrer aos processos laboriosos das ciências naturais para estudar as realidades sociais. A busca é a da sociedade perfeita, sem fantasmas religiosos ou imaginários.

Faz sentido a seqüência comtiana das três eras: biológica, metafísica e científica. Transformar as leis da fisiologia em leis sociais, tal como conclama Saint Beuve, é o projeto que atinge seu apogeu no fim do século XIX. Os relativismos, os contraditórios devem desaparecer para que o contrato social se exerça, como bem acentuou Foucault. Mesmo a verdade do sexo deve ser estabelecida.

Conclui Maffesoli que um cientismo que dominou o século XIX não é mais adequado para apreender a desordenada e contínua "alteridade" das comunicações que de múltiplas formas eclode em nossos dias. Muitos Estados que "deveriam" propiciar a "ordem e progresso" positivistas mostram-se incapazes de gerar e gerir os recursos necessários para tal tarefa, perdendo sua soberania militar, econômica e cultural. Se a política universalista dependia da demarcação das fronteiras de cada Estado, progressivamente surgem os grupos de Estados criando uma integração supra-estatal com dois super blocos. Os não-alinhados passam a ser vistos como antiquados, apegados ao princípio da soberania estatal. A regra passa a ser buscar alianças e entregar pedaços sempre maiores da soberania.

Quando descerrou-se a cortina, havia Estados sem qualquer poder, etnias esquecidas que reclamavam, mesmo assim, Estado próprio, havia novas e velhas nações escapando das gaiolas federalistas e usando sua liberdade apenas para buscar a dissolução de sua independência política, econômica e militar no MCE e na aliança da OTAN.

O tripé da soberania foi afetado em suas bases e a economia foi a mais afetada. As nações-estados tornam-se executivas de forças que não controlam politicamente. "Com sua base material destruída, sua soberania e independência anuladas, sua classe política apagada, a nação-estado torna-se um mero serviço de segurança de mega-empresas." (Bauman, 1999, p.63)

Este momento que atravessamos instaura discussões radicais sobre a opção pela "neutralidade" global neoliberal, pelos localismos de cunho radical, quando na verdade a

hora é apenas de reflexão, negociação e reestruturação do papel dos Estados-nações enfraquecidos pelos direcionamentos conseqüentes da subserviência à metrópole ou a um bloco de poder. Se a globalização oferece uma certa desregulamentação, esta deve ser usada de forma consciente e política, de forma que os países em desenvolvimento e seus mercados não viam brinquedos na mão de padrões invisíveis que mudam de rota nos mares da Internet. A hora é de afirmar territórios, defender fronteiras, criar éticas para que o movimento dos sem-terra não se estenda ao campo virtual. Repensar Comte é pensar nossos limites na complexidade do "glocal". Como lembra Michel Maffesoli, estamos distantes da visão universalizante do positivismo dominador. Indo de encontro a uma visão triunfalista, que crê a tudo poder abarcar, a sociologia compreensiva que ele propõe participa de uma "transcendência imanente", que brota do próprio corpo social. Nesta perspectiva, não "possuímos" a verdade – mas estamos por dentro de uma "certa" verdade. (Maffesoli, 1988)

Notas

¹ Seminário Conversas sobre o Pensamento Social – 200 anos de Augusto Comte. Participantes: Michel Maffesoli, Patrick Tacussel, Luiz Felipe Baêta Neves, Nízia Villaça e Ricardo Ferreira Freitas. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, Idéias, 5/12/98, p.2.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt. "Depois da Nação-Estado, o quê?". In: *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.
- MATTELART, Armand. *A invenção da comunicação*. Lisboa: Piaget, 1996.
- SMITH, A. *Richesse de nations*. Paris: Guillaumin, 1888.

* Nízia Villaça é Professora Titular da ECO/UFRJ, autora de Cemitério de mitos: uma leitura de Dalton Trevisan, Paradoxos do pós-moderno, Em nome do corpo, Que corpo é esse e Em pauta.